

Independências: Lutas pela democracia são “campo de batalha contemporâneo” nas ex-colônias

27/05/2025 08:50

Casimiro Simões | LUSA

Bolonha, Itália, 27 mai 2025 (Lusa) – O italiano Roberto Vecchi, especialista em história das culturas de língua portuguesa, considera que os processos pela democratização constituem “um campo de batalha contemporâneo” nas ex-colônias africanas de Portugal.

Em entrevista à agência Lusa, este professor catedrático da Universidade de Bolonha, na Itália, salientou “a importância do presente na história” dos países lusófonos que há 50 anos se tornaram independentes da potência colonial.

“A possibilidade de repensar a democracia é importante agora, sobretudo num contexto global como o atual”, defendeu.

Roberto Vecchi admitiu que “os tempos de formação das democracias nas antigas colônias talvez sejam mais longos”.

“Acho que não há uma relação direta entre a democratização de Portugal [na sequência da revolução do 25 de Abril de 1974] e a construção de regimes autoritários nas ex-colônias”, disse.

Em 1975, após 13 anos de guerra colonial que opôs as Forças Armadas portuguesas e os movimentos de libertação, Lisboa reconheceu a emancipação política de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau e mais tarde também de Timor-Leste.

Na Guiné, a independência já tinha sido declarada unilateralmente pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 1973, oito meses após o assassinato do líder guerrilheiro Amílcar Cabral.

Na opinião de Roberto Vecchi, a instauração de ditaduras de inspiração marxista nesses novos países resultou de “uma combinação de vários fatores”, desde logo o contexto mundial da Guerra Fria.

“Acho que esse idealismo que está no momento da superação da relação colonial, ou seja, a ideia de que a democracia vai ser um elemento comum de formação, tanto na metrópole [com o 25 de Abril] como na construção de um novo Estado nas colônias, depois se dissolveu perante uma disputa geopolítica que era global”, acentuou.

Na sua ótica, “foi a história global que determinou esses processos”, havendo atualmente “uma consciência grande” do valor da democracia para promover o desenvolvimento.

Para o professor de Literatura Portuguesa e Brasileira e de História das Culturas de Língua Portuguesa da Universidade de Bolonha, “o momento é agora”, sobretudo entre “as gerações que não vivenciaram a saída da condição colonial”.

“Foi um período demorado para criar as condições também de reconstruções democráticas do Estado nos contextos pós-coloniais”, enfatizou.

A conjuntura internacional da Guerra Fria, em meados do século XX, protagonizada pelas duas superpotências, Estados Unidos da América e ex-União Soviética, “determinou claramente dificuldades imensas”.

Meio século depois, porém, as lutas sociais e políticas de cariz democrático tornaram-se “um campo de batalha contemporâneo” nas antigas colónias em geral, disse o investigador.

Na quarta-feira, às 18:00, Roberto Vecchi vai apresentar em Lisboa, na Livraria Almedina do Edifício Atrium Saldanha, o livro “Fantasmagorias do retorno. Portugal e a nostalgia colonial”, editado pela Afrontamento.

A apresentação da obra está a cargo da historiadora Raquel Ribeiro, da Universidade Nova de Lisboa, e do escritor Paulo Faria.

“A nostalgia acaba por ser a recuperação do passado eliminando as culpas do passado. A nostalgia e a saudade são sentimentos complicados porque configuram uma possibilidade de retorno, mas o retorno ao passado não é possível”, declarou o autor à Lusa.

A experiência de Portugal em África deixou “uma difusa constelação de sentimentos nostálgicos” do passado colonial, “uma herança vistosa no presente e nas produções culturais contemporâneas”, referiu.

Desde 2007, Roberto Vecchi é coordenador da cátedra Eduardo Lourenço, criada pela Universidade de Bolonha em cooperação com o instituto Camões, um cargo que partilha com a portuguesa Margarida Calafate Ribeiro.

CSS

Lusa